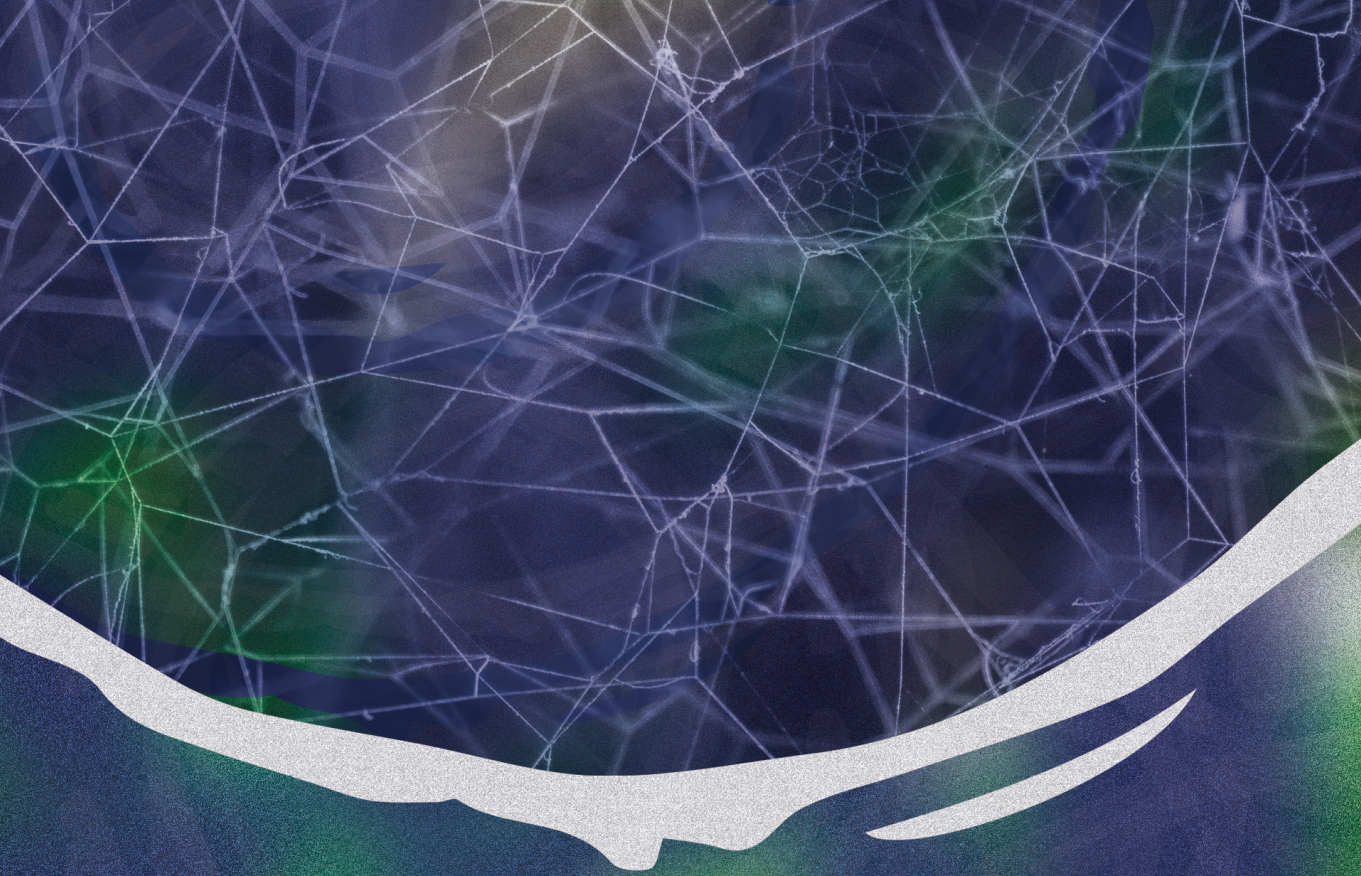


EDITORA
UnB

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz de Farias

EDITORA
UnB

Conselho editorial
Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA
UnB

Antropologia-Educação

Experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira
(organizador)

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial	Percio Sávio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
	Talita Guimarães Sales Ribeiro
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Gabriela Costa Silva Capuano
Diagramação	Uilca-Terra R. M. M. Martins
Foto de capa	General Kenobi, via Pexels.com

© 2024 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

A636 Antropologia-Educação [recurso eletrônico] : experiência, imaginação e conhecimento / Alessandro Roberto de Oliveira, organizador. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
154 p. – (Série ensino de graduação).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-242-2.

1. Antropologia. 2. Educação. 3. Experiência. 4. Imaginação. I. Oliveira, Alessandro Roberto de (org.). II. Título. III. Série.

CDU 39

Fernanda Cordeiro de Carvalho – CRB 1/2339

Imagino a vida dos outros.
Não é por cobiça.
É por vontade que dê certo.
O paraíso são os outros, Valter Hugo Mãe

Sumário

Apresentação 11

Ensinar e aprender Antropologia na interface com a Educação 13
Alessandro Roberto de Oliveira

Parte 1 – Trajetórias 27

Choque cultural e Educação: de Codó ao DF 29
Rafael Moreira dos Santos

As gerações e a vida em uma agrovila 31
Bruna Silva de Jesus

“Tenha educação!” 35
Andressa Felix Albuquerque

Diversidade de infâncias: reflexões sobre contexto, educação e cultura 39
Anna Lua Miranda da Silva Paz

Legado familiar: a influência transformadora da educação 41
Joyce Soares Ramos

Uma família de mulheres 42
Letícia Nayra Matias vianna de Almeida

Contra a morte e pela vida: a luta de uma mulher negra por si e pelos seus 47
Railane Lima de Almeida

Parte 2 – Infâncias 51

Infâncias diferentes, educações diferentes: a história de Dona Tereza 53
Ohani Araujo Lima

Laços de infância(s) 57
Maria Eduarda dos Santos Martins

As concepções de infância na pediatria do Sarah Kubitscheck 61
Clara Alessandra Santana Borba

Fumaça de terra 65
Ludmila Galdino Cândido

A história de Matheus 69
Arlete Carvalho Souza

Os adultos é que não sabem – um ensaio antropológico 73
Isabel Gomes Aguiar Teodoro

Os múltiplos saberes dentro da infância e da educação 77
João Vitor de Oliveira da Silva

Parte 3 – Ficções 81

A voz da diversidade diz: “Eu existo!” 83
Priscila Rubem de Sousa

Como estrelas na Terra – toda criança é especial 87
Ana Gabriela Militão de Souza

Tales by light: educação e cultura 91
Suzane Ferreira Santos

Raya e o último Dragão 97
Anna Clara Vitor de Sena

O bicho vai pegar 2 101
Nicole de Melo Sales

Educação, Cultura e Antropologia: a história do menino que descobriu o vento 105
Emanuele Damascêna Portela de Oliveira

Educação fora da cerca: os olhares e passos aventureiros de um menino-cervo 109
Gabrielle Montalvão Ferreira

Parte 4 – Escolas 115

A dificuldade de ler e o papel do professor 117
Stephanie de Sousa Lima

Conversa com quem gosta de ensinar: ensaio sobre a cultura e a Antropologia como Educação 121
Isabela Siqueira Palhano Cabral

Carla: a experiência de uma recém formada em Pedagogia 125
Ester Sandes Camargo

Leituras de Calvin e Haroldo e minha experiência na educação infantil 129
Nami Dansa Motta

A cor é tudo 133
Ana Luísa Morais de Almeida

“Henriqueeeee, hora de tomar banho para ir ao colégio” 137
Sarah Ingrid Pereira Guedes

Minha experiência de estágio 141
Letícia Vaz Pereira Barbosa

Antropologia-Educação: algumas considerações 143
Alessandro Roberto de Oliveira

Apresentação

Alessandro Roberto de Oliveira

Esta coletânea pretende disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o conteúdo aqui reunido é direcionado para esta disciplina, mas pode ser de interesse para as Ciências da Educação de maneira geral, a partir de uma perspectiva da Antropologia, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.[1]

Do mesmo modo, este material também pode ser útil para professores e estudantes das Ciências Humanas e Sociais, e da Antropologia em particular, na medida em que alguns fundamentos e noções básicas da disciplina são aqui retomados por leituras que se apropriam de seus sentidos convencionais e inventam outras formas de operar essas ideias de maneira criativa a partir do universo de interesse da Pedagogia. Para além da universidade, este livro também pode contribuir com professores e estudantes do ensino médio na Educação Básica, quando interessados em conversar e refletir sobre as relações entre educação e cultura, marcadores sociais da diferença e espaços escolares. Por fim, pode atrair ainda profissionais da Pedagogia que atuam na Educação Infantil, interessadas nas reflexões sobre infâncias.

Aqui reunimos 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período do curso de Pedagogia produzidos entre 2020 e 2022. Os textos estão distribuídos em quatro partes. A primeira é *trajetórias* e reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. A segunda é *infâncias*, e trata de diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com os filhos. A terceira, *ficções*, reúne escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. Por fim, *escolas* fecha o livro com ensaios que partem de cenas escolares, seja na posição de estudantes seja como estagiárias ou professoras da Educação Infantil, enfocando

[1] Os textos aqui encontrados tratam ora do fenômeno da educação, em seu sentido amplo, ora da Educação como área do conhecimento. Para marcar essa diferença, utilizamos a distinção entre os usos das iniciais maiúsculas (quando se trata da Educação como campo do conhecimento) e minúsculas (quando se trata do fenômeno).

dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Na realidade, os ensaios transitam entre esses domínios, alguns textos sobre trajetórias falam de infâncias e escolas, ensaios sobre infâncias tratam de escolas a partir de histórias ficcionais, escritos que tematizam ficções versam sobre infâncias, trajetórias e escolas, além dos próprios textos sobre escolas que entrecruzam os tópicos anteriores. Portanto, a composição funciona melhor como um tecido de histórias entrecruzadas sobre educação.

Este conjunto é precedido de um texto introdutório que situa a experiência e de outro, ao final, que discute algumas questões sobre as relações interdisciplinares na interseção entre os campos da Antropologia e Educação, além de destacar algumas características dos ensaios reunidos nesta obra.

Passemos à leitura!

Parte 2 – Infâncias

Infâncias diferentes, educações diferentes: a história de Dona Tereza

Ohani Araujo Lima

Dona Tereza tem 65 anos e ama recordar a sua infância entre árvores e abelhas. Ela conta aos netos que sua família morava em um sítio e trabalhava com a apicultura, produziam mel, geleia real, própolis e cera para venderem aos pequenos comércios das redondezas ou a seus vizinhos. Quando era menina, estava acostumada a ver seu pai vestido naquele traje de apicultor, um longo macacão, luvas, botas e seu fiel companheiro, o fumigador, sobre o qual ela aprendeu que servia para acalmar as abelhas. O pai a levava com Umberto, seu irmão mais velho, para cuidar das abelhas, e lá lhes mostrava muitos detalhes do processo, ensinava os benefícios do mel e o quanto as abelhas são extremamente importantes para o meio ambiente.

Enquanto aprendia o alfabeto na pequena escola a alguns quilômetros de sua casa, ela gostava de repetir com a professora o "A" de abelha e o "M" de mel, suas letras preferidas. E foi durante seu período ali que ela decidiu ser professora quando crescesse. Contudo, ao contrário de Tereza, Umberto sempre se recusava ir à escola, dizia que eles queriam transformá-lo em um futuro homem da cidade, que deveria trabalhar enclausurado em um escritório entediante ou em uma fábrica monótona. Para ele era tão mais preferível ser como seu pai, um apicultor livre e cercado pela bela natureza.

Mais tarde, quando Tereza já era adulta e formada, leu no livro de Paulo Freire, *A importância do ato de ler*, a famosa frase "a leitura do mundo precede a leitura da palavra" (Freire, 1989, p. 9). Então, ela reconheceu que aprendeu tanto na escola quanto no meio das abelhas, pois ali no seu doce e verde mundo havia muitas simbólicas palavras para serem lidas. E, do ponto de vista de Umberto, ele aprendeu muitas lições com o pai que não aprenderia na educação escolar. Assim, quando se tornou adulto, usou esse conhecimento para dedicar-se à própria criação de abelhas. Nessa história, Tereza e Umberto foram duas crianças distintas e são exemplos para reafirmar que:

> Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante. (Brandão, 1985, p. 9).

De fato, a aprendizagem não se limita à escola e seu ensino sistematizado entre quatro paredes. Ainda que seu papel seja fundamental para a sociedade, também é necessário pautar que, à medida que a escola desconsidera o fato de que existem diferentes educações e concepções de infâncias, ela corre o risco de universalizar a infância e deseducar seus alunos.

A análise cuidadosa das concepções do que é ser criança em um determinado contexto é defendida pela antropóloga Clarice Cohn (2013). A autora expõe que a pesquisa antropológica deve levar em conta tais concepções, afinal, são estas que informam sobre as ações voltadas às crianças, como também é a partir disso que elas agem de forma ativa no lugar onde estão inseridas. Para demonstrar isso, Cohn apontou as distintas infâncias das crianças indígenas – Xikrin e Maxakali –, das crianças de rua e das crianças em cenários institucionais, cada uma com suas especificidades.

Das concepções de infância abordadas por Cohn, a que quero analisar neste ensaio é a escolarizada. A escola também produz e mantém certo tipo de infância, uma vez que esta instituição está diretamente em contato com as crianças desde muito cedo. É comum vermos pais ansiosos por mandarem seus filhos para a escola. Eles criam uma enorme expectativa com a educação, de que ela irá discipliná-los e ensiná-los tudo que é necessário para tornarem-se os adultos que a sociedade requer.

Essa é uma formação que a escola é condicionada a se esforçar com grande empenho para alcançar. Dessa forma, a instituição escolar não só constrói e reproduz essa infância, como também um indivíduo que se adeque às demandas da sociedade e sua cultura. Era isso que temia Umberto, o garoto da minha narrativa: se tornar apenas um produto de tais interesses.

Para realizar esse objetivo, a escola conta com o estabelecimento da ordem, da disciplina e dos recursos pedagógicos de ensino-aprendizagem, que contribuem para fazer o bom e o mau aluno. Em suma, baseando-se em Malheiros Moraes (2012), Cohn (2013, p. 231) explica que o bom aluno é aquele que responde bem à regência pedagógica, o qual é recompensado, e, o mau aluno é, ao contrário, o que faz bagunça, por isso, é punido. Esse juízo é bastante visível em sala de aula, assim como em casa, por ser o bom comportamento desejado pelas famílias ao mandarem seus filhos para a escola. Todavia, nem sempre a escola percebe que está padronizando um determinado modo de ser criança – aquela que docilmente obedece às regras e faz todas as tarefas – não é à toa que esse controle é respondido com resistência pelos considerados maus alunos, algo que demonstra uma negação dessa concepção escolarizada.

Nesse sentido, cabe admitir que da mesma forma que existem diferentes concepções de infância, também há diferentes tipos de educação voltados para cada uma delas. Enquanto a escola empenha-se, com seus próprios métodos, em formar a infância que considera adequada, fora dela, a educação também ocorre de acordo com o que os adultos esperam dos infantes.

É o que a antropóloga Antonella Tassinari (2015) aborda em sua análise dos processos de ensino e aprendizagem de dois contextos diferentes. Tassinari mostra como a educação acontece em espaços não escolarizados, nos quais estão inseridas as famílias agricultoras do Paraná, e as famílias indígenas galibi-marworno do Amapá. Aqui, retomo a reflexão de Brandão (1985, p. 9), “a escola não é o único lugar onde acontece a educação e o

professor não é seu único praticante", é exatamente isso que vemos de forma prática na vida das crianças agricultoras e indígenas.

A educação de ambas envolve a observação, a experiência sensorial, o vínculo com o ambiente e a participação nas atividades mediadas pelos adultos, que, nesse caso, cumprem o papel de professores-pedagogos de uma Pedagogia própria. Um breve exemplo disso é o das crianças agricultoras, que aprendem as atividades básicas da propriedade, como o cuidado da horta e dos animais, por meio da observação, participação e imitação incentivadas pela família desde os cinco anos de idade. Com essas práticas, o que os adultos esperam dessas crianças é que elas desenvolvam a disposição para o trabalho, o amor pela família e a responsabilidade pela manutenção da propriedade (Tassinari, 2015).

Nos dois contextos analisados por Tassinari, a escola não é a fonte exclusiva de conhecimento, como também não foi para dona Tereza e seu irmão. Isso não significa que a escola seja vista pelas famílias como uma vilã, pelo contrário, desde que esteja em equilíbrio com aquilo que é aprendido na experiência familiar, a escola é considerada fundamental, tendo em vista que ensina valores bem vistos pelos adultos. O problema é quando, por outro lado, a escola desconsidera a realidade vivenciada por seus alunos, interpreta mal as práticas pedagógicas feitas fora dela, e, ainda, as rejeita ao impor sua própria concepção do que é ser educado. É o que conta o relato de um jovem agricultor de Turvo, que ouviu de seus professores: "Estude para não ficar igual seus pais." (Tassinari, 2015, p. 154). Porém, ele decidiu continuar na propriedade e estudar para ser um professor diferente, essa foi a sua forma de resistir a esse cenário conflituoso e mudá-lo.

Por essa razão, chego à conclusão enfatizada por Tassinari (2015, p. 169) em seu texto, se a escola age de tal forma que deslegitima as outras formas de aprendizagem, desconsidera a criatividade e sabedoria da aprendizagem imitativa ou menospreza a experiência sensorial, ela acaba por contribuir para uma universalização da infância e dos processos de desenvolvimento infantil. Dessa forma, o seu propósito de educar pode ser revertido em justamente o oposto: deseducar, como é relatado na carta de chefes indígenas aos governantes dos Estados Unidos refletida no texto de Brandão (1985, p. 8-9). A carta diz que os seus jovens formados na escola voltaram inúteis para exercer qualquer tarefa na aldeia, seus corpos já não eram mais ativos como os das crianças indígenas do Amapá, analisadas por Tassinari, porque foram totalmente afastados das atividades em família, nas quais aprenderiam tudo que era necessário para serem bons guerreiros, caçadores e conselheiros.

Portanto, do mesmo modo que Cohn propõe que a pesquisa antropológica faça, é preciso que a escola busque analisar as concepções de infância do local onde ela está inserida. Principalmente, quando se tratam de escolas rurais e indígenas, as quais devem respeitar as infâncias em suas particularidades e levar em conta as experiências fora da instituição que também promovem aprendizagens valiosas. Não se pode falar em uma só infância e nem de uma só educação, ambas variam de um contexto para outro. Por essa razão, o grande desafio da escola é encontrar um equilíbrio entre a educação recebida dentro e fora dela, sem que esta primeira interfira de forma negativa na segunda, mas sim, que complementem uma a outra.

Para isso, é necessário que a escola estimule as crianças como Umberto a continuarem frequentando a escola ao unir experiências tanto sensoriais quanto teóricas e ao ensiná-las a aprender com suas próprias realidades, do mesmo modo que dona Tereza aprendeu com seu mundo.

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Esta coletânea tem como finalidade disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o livro reúne 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período de curso distribuídos em quatro partes. *Trajetórias* reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. *Infâncias* apresenta diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com filhos. *Ficções* é composta de textos escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. *Escolas* fecha o livro com ensaios sobre cenas escolares, enfocando dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Esse conteúdo pode ser interessante para as Ciências da Educação de maneira geral, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.

EDITORA UnB

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO